

Apresentação

Dossiê Conectando historiografias

O presente dossiê é composto por artigos resultantes das comunicações apresentadas no III Encontro Internacional de Jovens Investigadores em História Moderna¹ que, pela relevância do assunto tratado, mais se destacaram. Após um longo processo de avaliação, no qual colaboraram a comissão organizadora e os moderadores dos vários painéis deste colóquio, estes seis trabalhos foram escolhidos para publicação. Destacam-se não só pela qualidade, como pela capacidade de análise de algumas das diferentes matizes que compunham a realidade do Antigo Regime. Não significa, contudo, que as restantes comunicações não reuniram estas características. O trabalho de seleção dos mesmos foi, deste ponto de vista, bastante difícil.

Parece-nos importante destacar o contato entre jovens historiadores portugueses e brasileiros e as potencialidades da aproximação destas duas comunidades historiográficas. Este intercâmbio cria bases para o contato social e a solidificação das relações interuniversitárias, de que o referido encontro é um bom exemplo, uma vez que se discutiram os mais variados temas, cronologias e espaços da Época Moderna.

O investimento público dos últimos anos em educação e ciência permitiu que muitos destes investigadores pudessem aumentar a sua circulação durante o desenvolvimento das suas teses, possibilitando, assim, a realização de trabalho de arquivo noutros países, que não o seu de origem, como também um contato mais profundo com outras realidades da produção historiográfica. Este contato foi fulcral, por exemplo, no que toca à história do império português, para investigadores de ambos os lados do Atlântico, na medida em que se contribuiu enormemente para a consolidação de uma abordagem integrada, que almeja desconstruir as noções de metrópole e colônia enquanto entidades autônomas, passíveis de serem sistematicamente estudadas de forma separada. Da mesma forma, tornou-se pertinente perceber como os poderes centrais dialogavam com os territórios mais longínquos e como as “forças” faziam-se sentir.

Neste sentido, os seis textos que compõem este dossiê estão longe de traçarem uma visão macroanalítica da realidade da Época Moderna. Ao fazerem cortes temporais e espaciais, muitas vezes integrados em trabalhos mais profundos que os autores têm em mãos, permitirão no futuro contribuir para uma maior compreensão do Portugal do Antigo Regime, numa concepção alargada, por parte das comunidades historiográficas.

Logo à partida o conjunto dos textos desenha uma ampla cronologia, na medida em que são análises que percorrem os séculos XVI, XVII e XVIII. Vejamos como cada um deles, em linhas gerais, analisa diferentes aspectos da sociedade, recorrendo, para isso, a fontes arquivísticas de

¹ Este encontro, realizado na cidade de Évora, repete-se bianualmente desde 2009, pela primeira vez no Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, atual ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, na cidade de Lisboa, posteriormente na de Braga, e no ano de 2015 decorrerá no Porto.

natureza muito diferenciada. Nuno Martins traz à colação as estratégias desenvolvidas pela coroa portuguesa de adaptação à realidade indiana, logo nos primórdios da centúria de Quinhentos, após a viagem de Vasco da Gama. Texto que reflete de forma bastante consolidada a maneira como Portugal se abria a novos espaços e começava a dar forma a uma “nova idade” e a um *Estado Moderno em construção*. No seguimento deste pensamento, Hélder Carvalho, centrando-se também na primeira metade do século XVI, analisa de que forma se deu corpo à casa senhorial do infante D. Luís, filho de D. Manuel I. Não tratando este objeto de análise de forma isolada, o autor procurou comparar este modelo de consolidação do senhorio com os existentes um pouco por toda a Europa.

Se os trabalhos anteriores poderiam ser mais conotados com a “história social”, o trabalho de Gleydi Barreto inclui um forte componente de análise económica. A autora centrou-se na presença dos portugueses na cidade de Lima, no Peru, entre 1570 e 1680, estudando as estratégias comerciais desenvolvidas pelos portugueses a partir dos livros de registos notariais.

Os restantes textos centram-se na realidade do século XVIII, tendo sido privilegiados três temas: a demografia histórica, a propriedade fundiária e a assistência hospitalar. Victor Oliveira estudou as estratégias de consolidação do poder através do património familiar em torno de um “engenho”, utilizando como fonte principal os registos paroquiais. Em certa medida o seu trabalho dialoga com o de Hélder Carvalho. Edgar Pereira também centrou a sua análise no património, mas desta feita de cariz eclesástico e numa geografia diferenciada: o património que foi confiscado à Companhia de Jesus em Goa, na segunda metade do século XVIII. À luz dos novos paradigmas que a centúria de Setecentos conheceu, Vera Magalhães estudou os relacionados com a assistência e os hospitais, no crepúsculo do absolutismo. Em linhas breves levantou-se o véu dos trabalhos que compõem este dossiê. São análises, muitas vezes, de cariz micro, mas que contribuem, em larga medida, para se conhecer de forma aprofundada os matizes da Época Moderna.

Para a comissão organizadora foi muito gratificante receber na Universidade de Évora este conjunto alargado de jovens investigadores de História Moderna, esperando que as próximas edições consigam superar o número de participantes e que este encontro se transforme num importante espaço de diálogo não só português, como ibérico e além fronteiras.

Évora, 4 de junho de 2014.

António Castro Nunes, Bruno Lopes & Mónica Esteves Reis